

## 24 Meses não ditos:

# Inspirações, processos e projeto de um livro de artista

*24 Unspoken months:  
inspirations, processes and  
design of an artist's book*

Giovani Garcez Dalenogari Alba

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar parte de uma pesquisa teórico-prática relativa a Trabalho de Conclusão de Curso de Design Digital na Universidade Federal de Pelotas sobre elemento Ma associado ao projeto de um livro de artista. Especificamente, neste artigo, objetivamos apresentar as influências teóricas e visuais bem como os processos projetuais envolvidos ao longo do desenvolvimento do livro "24 Meses Não Ditos" o qual busca representar momentos de solidão vividos pelo autor durante os dois anos da pandemia da Covid-19.

**Palavras-chave:** Design autoral; Livro de artista; Ma; Pandemia; Solidão;

**Abstract:** This article aims to present part of a theoretical-practical research related to a Final Paper of a Digital Design Course at the Federal University of Pelotas on the Ma element associated with the project of an artist's book. Specifically, in this article, we aim to present the theoretical and visual influences as well as the design processes involved throughout the development of the book "24 Unspoken Months" which seeks to represent moments of solitude experienced by the author during the two years of the Covid-19 pandemic.

**Keywords:** Artist's book; Authored design; Ma; Pandemic; Solitude;

## INTRODUÇÃO

Março de 2020: são definidos pelo governo federal os critérios de quarentena da pandemia advinda da Covid-19 e instaurados os protocolos de isolamento em nível nacional. 13 de março: a Universidade Federal de Pelotas paralisa as atividades do ano letivo que havia acabado de começar. Minha vida é interrompida, então, por razões fora do meu controle.

Da solidão inerente à pandemia, optei pelo caminho da solitude.

Solidão e solitude são ambos sentimentos frutos do isolamento. A solidão carrega em si uma espécie de imposição “do estar só”, como se contra a vontade da pessoa e, por isso, parece trazer consigo uma conotação negativa que pode desencadear diversos outros problemas. Durante o isolamento social, podemos considerar que a solidão foi um dos sentimentos que mais nos circundou ao longo daqueles longos meses. O corte abrupto com nossa fonte social parece ter sido um ambiente propício para desencadear aquela sensação.

No presente artigo apresento um recorte de uma pesquisa maior cujo objetivo era projetar e produzir um livro de artista influenciado pelo elemento Ma e baseado no sentimento de solitude sentido ao longo dos dois anos de pandemia vividos até o momento do início de sua escrita. A escolha partiu da percepção do livro de artista como um instrumento com grande potencial subjetivo e capaz de abarcar os desdobres que a presença do Ma em uma prática gráfica poderia vir a gerar.

Para atingir aquele propósito foi necessário, primeiramente, compreender os sentidos e os significados do Ma e suas manifestações nos mais diversos âmbitos. Isto definido, certas questões referentes ao design autoral foram aprofundadas e, conseqüentemente, foi necessário investigar projetos e práticas de livro de artista e toda a carga expressiva por detrás desse potente objeto de arte e design. Porém, nesse artigo especificamente, buscamos nos ater à prática projetual desenvolvida naquela investigação e, para tal, importa recu-

perar, mesmo que brevemente, alguns pontos importantes discutidos na pesquisa original para maior e melhor compreensão do material gráfico projetado.

Explicar o elemento Ma é tarefa difícil que demanda extrapolar o pensamento dualístico enraizado no ocidente. No ensaio “Ma – a estética do “entre””, Michiko Okano (2013, p. 150-164) conta que a expressão Ma, importante pilar cultural japonês, é inerente ao peculiar senso comum dos japoneses: eles sabem o que é, mas tampouco conseguem explicar.

Enquanto o ocidente se organizou sob uma perspectiva dualista e antropocêntrica na qual a lógica e o individualismo guiam a compreensão do mundo, o Japão optou por um caminho guiado por sensibilidade, percepção, visão relacional e pensamento panteísta. Para Okano “(.) estudar o Ma exige, justamente, conhecer o tal espaço do terceiro excluído, do contraditório e simultâneo, habitado pelo que é “simultaneamente um e outro” ou “nem um, nem outro” (2013, p. 151).

A origem do Ma remonta à concepção de um espaço vazio, cercado de quatro pilares, espaço onde poderia haver a aparição do divino e que carrega a possibilidade ‘do acontecer’. Seria não apenas um espaço vazio, mas, também, um espaço de potencialidade. “Ma é algo que não é passível de definição, ou conceituável, porque ele é algo que ainda não chegou a ganhar existência, é uma mera possibilidade” (OKANO, 2007, p. 10).

Enquanto apenas possibilidade, Ma se torna um elemento informe. E, pela lógica relacional japonesa, recebe uma gama de associações. Para ilustrar as nuances semânticas da palavra, Okano (2007), em sua pesquisa “Ma: entre-espaço da comunicação no Japão”, apresenta variados significados atribuídos à palavra, tais como: entre-espaço, intervalo entre duas coisas, intervalo temporal, intervalo espacial, tipo de recinto, intervalo no ritmo de músicas e danças tradicionais, tempo de silêncio dentro da fala, tempo apropriado para um fenômeno, dentre outros.

“ Esse caráter da possibilidade, potencialidade e ambivalência presente no Ma cria uma estética peculiar que implica a valorização, por exemplo, do espaço branco não desenhado no papel, do tempo de não ação de uma dança, do silêncio do tempo musical, bem como dos espaços que se situam na intermediação do interno e externo, do público e do privado, do divino e do profano ou dos tempos que habitam o passado e o presente, a vida e a morte. (OKANO, 2013, p.151).

Ao visar melhor compreensão do Ma pela lógica ocidental, Okano levanta a relação do elemento e suas formas de manifestação com as três categorias semióticas de Charles Peirce, de seu texto seminal “Sobre uma nova lista de categorias”, publicado em 1867.

Potência parece ser a palavra chave para tratar o Ma sob a ótica da primeiridade. Na sua origem, encontra-se o potencial do vir a ser. O Ma não possui forma e tampouco definição sobre a maneira pela qual o divino pode se manifestar no espaço. Seria o puro potencial possível encapsulado em uma palavra. É no esquema de recorte e concretização no mundo material da primeiridade para a secundidade que o Ma passa a ser possível de reconhecimento e, portanto, passível de compreensão: “Ma, uma possibilidade, se desenvolve signo, o que passaremos a denominar de espacialidade Ma” (OKANO, 2007, p.12). E, por fim, no que se refere à terceiridade, a autora define a conceituação do Ma como uma forma de fronteira: “Essa dupla semântica estabelecida pela palavra fronteira, a da estabilidade e a da instabilidade, dialoga com o entendimento da espacialidade Ma no sentido de concebê-la não só como coexistência, mas também como algo sempre dinâmico” (OKANO, 2007, p.17).

Dito isso, voltamos o foco às questões relativas a Design Autoral e Livro de Artista. A partir do seu ensaio “The designer as Author”, publicado originalmente em 1996 no vigésimo número da revista Eye, tem-se em Michael Rock a base bibliográfica acerca de design autoral que defende uma nova postura no processo de design, muito importante para fins desta pesquisa. Segundo o autor, para lidar com os proble-

mas da área, devemos “abraçar a multiplicidade de métodos que compreendem a linguagem do design: artísticos e comerciais, individuais e colaborativos” (ROCK, 2002, p. 244 apud WEYMAR, 2010, p. 124). Da mesma maneira que o Ma se encontra na ambiguidade, o design não necessita se enquadrar em um único espaço. Ao percebermos isso, parece florescer, no termo, um entre-espaço de possibilidades que perpassa o artístico e o comercial.

Ao compreender o design enquanto um espaço de manifestação do elemento Ma, perguntamo-nos, novamente: qual modelo de autoria poderia ser capaz de representar, à altura, as potencialidades inerentes do Ma?

Como resposta, escolhemos o livro de artista tanto para o debate teórico quanto para o desenvolvimento de sua prática projetual. O livro de artista, enquanto prática, situa-se em uma zona intermediária entre o design e a arte, fazendo-se presente em ambos os campos e carregando, em si, elementos de cada um. É o livro em que o artista é o autor. De acordo com Silveira (2008, p.77): “[o livro de artista] é uma categoria (ou prática) artística que desenvolve tanto a experimentação das linguagens visuais como a experimentação das possibilidades expressivas dos elementos constituintes do livro ele mesmo”.

Ulises Carrión, no ensaio “A nova arte de fazer livros” (1975), afirma que um livro é uma sequência espaço-temporal: “Cada um desses espaços sendo percebido em um momento diferente: um livro é também uma sequência de momentos” (CARRIÓN, 1975, p. 33). É um momento de pausa. Sua leitura transcorre no tempo e nos coloca em suspensão durante o processo.

Assim sendo, o livro de artista abre uma fronteira para a manifestação do Ma. Carrega, em si, muitos paralelos com o Ma. Da ambiguidade de sua existência entre o design e a arte. Da subversão da estrutura do que é um livro. Da potencialidade das formas que podem vir a ser feitas. Da subjetividade posta em sua construção. O livro de artista pode tornar-se uma espacialidade Ma.

## 24 MESES NÃO DITOS

Das análises sobre o elemento Ma às discussões acerca do design autoral e livro de artista, o caminho percorrido levou-me à etapa final da pesquisa: ao livro “24 Meses Não Ditos”. Ou seja, ao resultado dos questionamentos levantados ao longo da pesquisa e à realização material das potencialidades e subjetividades discutidas sobre os temas e, sobretudo, daquelas pessoais.

Da abrupta ruptura gerada pela quarentena em março de 2020 nascem as raízes que motivaram o desenvolvimento deste trabalho. Quando menos se esperava, houve a ruptura. A memória segue viva em meu consciente. Era a sexta-feira da primeira semana letiva da UFPel, 13 de Março de 2020. Começava a suspensão das atividades da faculdade e a institucionalização dos primeiros protocolos referentes à quarentena, no país. Eu estava no trabalho quando recebi a notícia. O clima de choque se instaurou pelos setores conforme a notícia ia sendo repassada. Naquele momento, acreditava que nada poderia acontecer para descontinuar meus planos.

Ainda absorvendo os acontecimentos, cheguei à minha casa, crente de que o porto seguro de meu lar facilitaria a digestão da suspensão da vida que estava por vir. Mal sabia o desenrolar que a noite traria. Nela aconteceria a ruptura que mais me fez sentir o enorme peso de tudo. Tomo a ciência de uma traição do meu namorado de então. O fim de uma relação que, em seu princípio, tinha potencial para ser uma bela história. O amor transformado em tragédia ao ter consciência de que a relação para a qual mais me dediquei e abdiquei de mim mesmo estava a ruir. O mais trágico não foi o fim da relação em si, mas, sim, a constatação do quanto havia aberto mão de mim mesmo, de tal forma que nem me reconhecia mais. Esta primeira compreensão seria apenas o início de um jornada de muitos processos internos ao longo dos dois anos de pandemia vividos até Março de 2022.

E, assim, iniciei o período pandêmico. Refém das paredes da minha própria casa. Remoendo dores e feridas, algumas

recentes e outras que nem sabia que estavam ali, enterradas em meu âmago. Sem a rotina do cotidiano, o norte estava nublado e difuso. Havia dias em que a bruma me impedia de ver a extensão das mágoas cultivadas. Em outros, elas ecoavam em unísono. Assim foram os primeiros meses.

O emaranhado de sensações foi tomando proporções maiores conforme as olhava e as sentia. Pouco a pouco fui cortando laço por laço da pouca socialização que restava em minha vida. Alguns cortados permanentemente, outros apenas no momento. O reflexo que me encarava no espelho era o de um estranho. De uma pessoa alegre e espontânea tornei-me quieto e inibido em cada interação que fazia. Porém, a quietude era apenas exterior.

A confusão interior permaneceu pelo restante do ano de 2020. Até que, em 2021, a pequenos passos, exauri-me de existir daquela forma. A suspensão que vivia não poderia ser em vão. Não queria aceitar que a realidade poderia ser essa. Da solidão imposta pela pandemia eu queria enxergar algo potencial. Como isso seria possível? Foi uma questão que permaneceu sem resposta por um tempo. Assim, refleti: já que não conseguia ver o norte à minha frente, em razão daquela bruma, o caminho seria voltar e visitar o que me levou até aquele estado.

Assim, voltei ao passado. Inicialmente, olhei os meus planos para o fatídico ano em que tudo foi rompido. E ali encontrei o primeiro pilar que começou a moldar a forma que lidaria com o caos que me habitava. Entre ideias e possíveis caminhos dentro daquelas páginas, encontrava-se algo que há muito tempo cruzava meu caminho. Algo que me acompanhava desde a minha infância. O elemento Ma. Aquele que nos incentiva a valorizar as pausas da vida. Que nos convida a ver o espaço e o tempo em unicidade. Que nos faz ver a potencialidade inerente nos entre-espacos. Que faz o vazio ter substância.

O que seria a quarentena senão um entre-espaço? Um momento de suspensão, sugiro, do que era a vida antes da

Covid-19 e do que viria a ser depois. Entretanto, para algo ter potencialidade Ma, é necessário que haja propósito e, conseqüentemente, mudança do estado inicial ao estado posterior. Dando significado à quarentena para conseguir este objetivo, decidi fazer da minha solidão algo com potencial de mudança. Desse modo, a solidão que me rondava se metamorfoseou em “solitude”.

Na solitude, fiz do isolamento um momento de reflexão e análise das dores e lesões que persistiam em meu íntimo. Da revisita ao meu passado e da chegada ao Ma continuei caminhando pela estrada das minhas vivências. Enxergando onde estariam as raízes das coisas que me doíam e que me causavam tamanha confusão. Assim foi sendo até Março de 2022, aniversário de dois anos do começo de tudo. Das rupturas, das dores, das mágoas, das lágrimas e dos pesares. Mas, acima de tudo, da jornada que havia começado no momento em que me isolei do mundo.

É esta caminhada que solidifica e dá forma ao livro de artista desenvolvido para esta pesquisa. “24 Meses Não-Ditos” é a representação física, gráfica e visual do processo vivenciado por mim naquele período. Nele estão os pensamentos e sensações que transitavam em mim. De tudo aquilo que havia ficado em silêncio até eu redirecionar o olhar e querer ouvir o que tinham a me falar e ensinar. “24 Meses Não-Ditos” é o resultado do meu entre-espço pandêmico e da solitude auto imposta que me trouxe até aqui.

Para materializar o processo a que me dediquei foi necessário encontrar nortes referenciais que conversassem com o que deveria ser mostrado visualmente no livro de artista. Busquei inicialmente práticas de livro de artista para a compreensão das possibilidades físicas de representação de elementos e processos tão subjetivos.

As primeiras obras encontradas e pertinentes ao projeto são os trabalhos de Waltercio Caldas. Em especial o livro de artista “Momento de Fronteira”, de 1999 (Figura 1), e o livro-obra “Como imprimir sombras”, de 2012 (Figura 2).



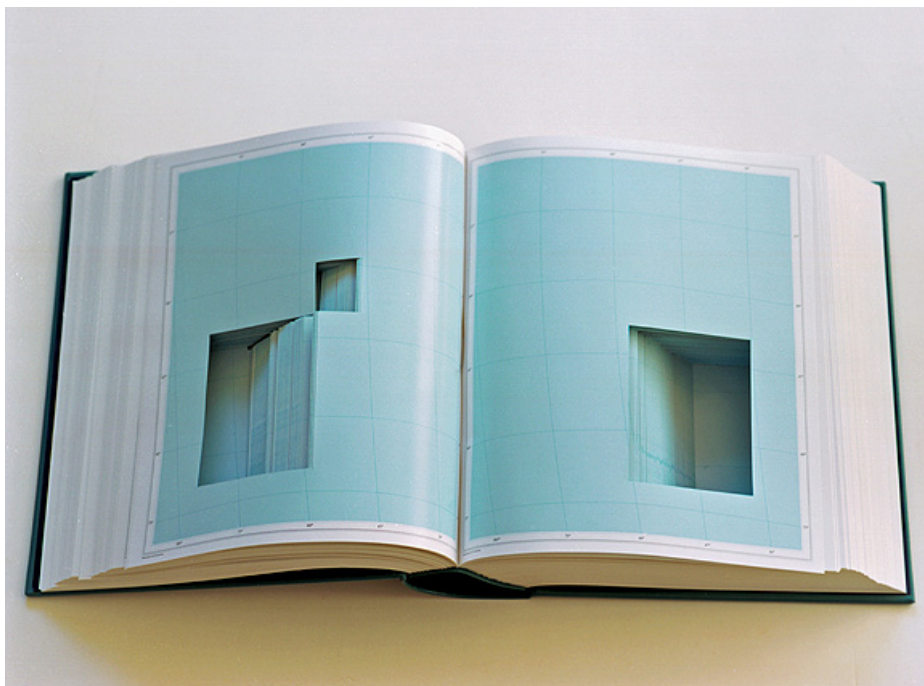


Figura 1: Momento de Fronteira.  
Fonte: CALDAS, 1999.



Figura 2: Como imprimir sombras.  
Fonte: CALDAS, 1999.



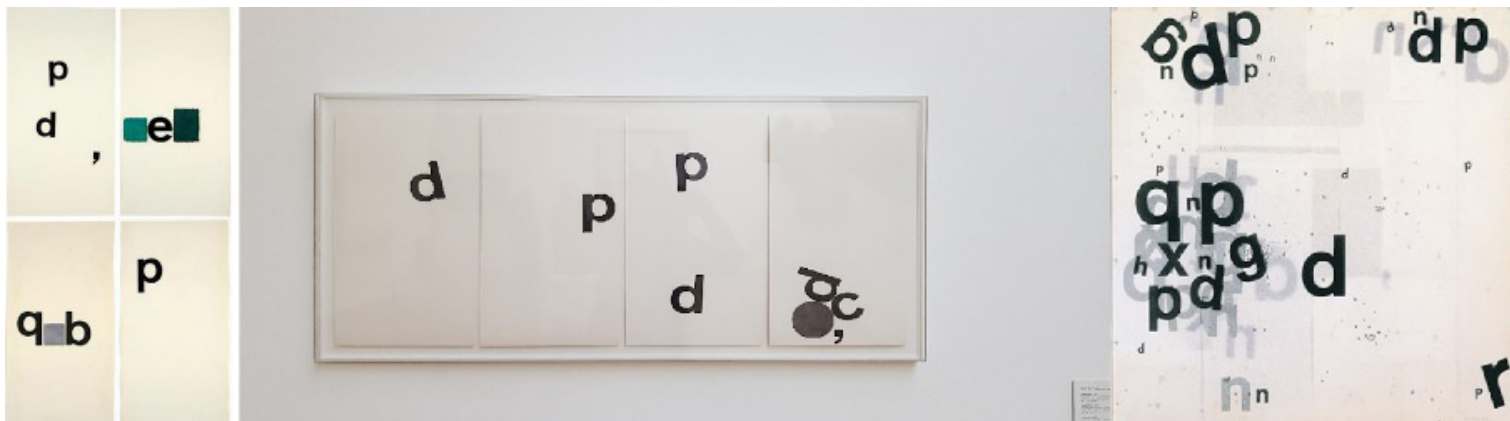


Figura 4: Obras de Mira Schandel em ordem de citação. Fonte: SCHENDEL, 1970-1973.

Com o conceito estabelecido, conjuntamente ao referencial estético pesquisado, “24 Meses Não-Ditos” tornou-se corpóreo. A estrutura do livro é constituída externamente por uma caixa em acrílico branco translúcido, com gravação a *laser* em sua superfície superior, e montado à semelhança do formato de um livro de papel. Sua abertura também remete a de um livro tradicional, com a primeira capa abrindo da direita para a esquerda (Figura 5 e 6).



Figura 5: Visão externa do livro “24 Meses Não Ditos”. Fonte: ALBA, 2022.



Figura 6: Visão lateral do livro “24 Meses Não Ditos”.  
Fonte: ALBA, 2022.

O material escolhido para a caixa se aproxima às brumas de meus pensamentos (aquelas que dificultavam a visão de uma solução interior). Do mesmo modo, o conteúdo interno não pode ser visualizado sem o abrir da caixa e sem que haja uma ação concreta para se adentrar na obra, assim como um processo de solitude necessita de uma ação intencional para se iniciar (Figura 7).



Figura 7: Livro “24 Meses Não Ditos” com a capa aberta.  
Fonte: ALBA, 2022.



Estando aberta, há um espaço vazado na caixa, um buraco no qual estão depositadas 24 páginas com textos, representando os 24 meses de quarentena. Afinal, o processo de solitude necessita gerar um olhar para seu interior, e no interior estão as questões que devem ser trabalhadas. No espaço, projetado de modo que uma mão possa manipular as folhas soltas, encontram-se páginas feitas de pedaços de poliéster e impressas com transparência. São páginas sobre indagações e pensamentos que ocuparam meu pensar durante o período da quarentena (Figura 8).



Figura 8: Visão interior do livro "24 Meses Não Ditos".  
Fonte: ALBA, 2022.



Figura 9: Páginas do livro “24 Meses Não Ditos”.  
Fonte: ALBA, 2022.

A família tipográfica escolhida é a Neue Plak para a impressão total do projeto, desenvolvida em 2018 por Linda Hintz e Toshi Omagari a partir da revitalização da tipografia Plak de Paul Renner originalmente desenvolvida em 1928. A escolha pela Neue Plak como tipografia base partiu da versatilidade da fonte e de seus 62 estilos de pesos e larguras. Se iremos transcrever ao papel a gama de sentimentos vividos ao longo dos 24 meses, faz-se necessário que a tipografia seja tão mutável quanto os pensamentos neste tempo-espaço. Sendo assim, utilizei diferentes variações conforme as palavras e as consequentes frases escolhidas para serem impressas.

Para a leitura, não existe uma ordem sequencial. Os pensamentos se embaralham no momento da leitura assim como a percepção do tempo se tornou difusa durante a pandemia. A transparência das páginas é análoga ao acúmulo das dores, dos questionamentos e das feridas presentes em mim. Elas se sobrepõem e se destacam conforme a página a ser contemplada, gerando novas percepções (leituras) de acordo com o que for sobreposto entre si (Figura 10 e 11).



Figura 10: Páginas do livro  
"24 Meses Não Ditos".  
Fonte: ALBA, 2022.



Figura 11: Sobreposições possíveis.  
Fonte: ALBA, 2022.

"24 Meses Não-Ditos", em todos os aspectos que constituem seu corpo material, é uma tradução visual e textual do processo em solitude experienciado por mim durante o entre-espaço pandêmico. Cada pedaço dele carrega um significado. Cada pedaço dele materializa o que vivenciei durante aqueles dois anos. Em solitude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenhar as variadas relações construídas percebe-se que a subjetividade é o elemento chave desta pesquisa, que também é um projeto.

Neste artigo, tratamos sobretudo da etapa projetual do processo, porém, sugerimos a leitura completa para melhor compreensão. Inicialmente, descobriu-se que o Ma é um *ethos* da sociedade japonesa, estando presente em diferentes aspectos da vida nipônica: das questões mais singelas, como a interação de uma conversa, até o modo de ver a relação homem e natureza. Para nós, ocidentais, pode ser algo de complexa compreensão.

Ao analisar as manifestações da espacialidade Ma, em suas quase infinitas possibilidades, torna-se possível compreendê-lo em sua forma mais abrangente. Afinal, ao tratar o Ma como um fronteira mental subjetiva, podemos também enxergá-lo fora da esfera japonesa.

O design autoral pode ser uma área que abra espaço para esta compreensão e consequente aplicação. Desde a etimologia da palavra design, e sua ambiguidade semântica, já ocorre uma intersecção entre Ma e design. Nas afirmações finais de Rock percebe-se que essa intersecção se fortalece ao abraçarmos a multiplicidade de práticas e de modalidades existentes no design.

No livro de artista “24 meses Não Ditos” encontramos um campo do design de autor que pode abarcar as potencialidades do elemento Ma. A prática por si só já se situa em uma fronteira entre arte e design, carregando em si o aspecto de intermediação existente no Ma. Como suas formas de ser são múltiplas, surgem mares de possibilidades. E, por consequência, abrem-se nascentes para o uso do Ma.

“24 meses Não Ditos” é o fruto de uma longa jornada de solitude vivida ao longo dos dois primeiros anos no isolamento advindo da pandemia causada pela Covid-19. De dores guardadas no âmago. De laços cortados sem piedade. De estranhezas de se desconhecer. De momentos de suspensão.



De uma longa jornada de solitude que explora sentimentos e pensamentos nascidos naquele entre-espço temporal.

O livro de artista é um espço receptivo ao potencial do Ma. A partir das intencões colocadas, o livro “24 meses Não Ditos” se torna uma fronteira para sua manifestação. A prática projetual desenvolvida parece confirmar este enunciado ao utilizar como base conceitual o entendimento da quarentena enquanto entre-espço de suspensão. E, ao abordar o processo de solitude, concretiza-se a necessidade que o Ma carrega de proporcionar mudança após a manifestação da presença de um entre-espço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRIÓN, Ulises. **El arte nuevo de hacer libros**. Plural, México, feb. 1975, p.33-38.

GARCIA, André Luiz M. A leitura a partir da fenomenologia e semiótica de C. S. Peirce. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.35, n.70, p.133-145, 2017.

JUNGK, Isabel. 1, 2, 3: As categorias universais de Peirce. **Brazilian Peircean Semiotics Research Network**. 2020. Disponível em: <<https://redeciep.wordpress.com/2020/11/05/1-2-3-as-categorias-universais-de-peirce/>>. Acesso em: 05 de Abril de 2022.

Meet Neue Plak: A revived version of a hidden gem by Paul Renner. **Monotype**. 2018. Disponível em: <<https://www.monotype.com/resources/font-stories/meet-neue-plak-a-revived-version-of-a-hidden-gem-by-paul-renner>>. Acesso em: 02 de Junho de 2022.

OKANO, Michiko. **Ma: entre-espço da comunicação no japão um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

OKANO, Michiko. **Ma**: a estética do “entre”. In: USP. Revista USP. São Paulo. 2013-2014. N° 100, p.150-164.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, 319 p. ISBN 978-85-386-0390-0.

WEYMAR, Lúcia B.C. **Design entre aspas**: indícios de autoria nas marcas da comunicação gráfica. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2010.